

OS JARDINS DE BURLE MARX E AS VANGUARDAS EUROPEIAS

BELTRAME, Ana Rosa.¹
GROSSELI, Sirlei.²
PARIS, Barbara Carolina.³
ROPELATTO, Amabyle Roberta.⁴
ANJOS, Marcelo França dos.⁵

RESUMO

Burle Marx, grande paisagista brasileiro, ficou conhecido mundialmente por seus jardins inovadores que chamam a atenção tanto pelas formas, como pela escolha da vegetação. Assim essa pesquisa, procura analisar quais foram as influências recebidas pelo paisagista e qual foi o papel das vanguardas europeias na criação de suas paisagens. Trata-se de uma revisão bibliográfica, e esta possibilitou uma melhor compreensão quanto ao modo pelo qual Burle Marx produzia seus jardins.

PALAVRAS-CHAVE: Burle Marx. Vanguardas Europeias. Paisagismo. Influência.

1. INTRODUÇÃO

O assunto/tema abordado neste artigo é a influência das vanguardas europeias no paisagismo de Burle Marx. O pintor e paisagista Roberto Burle Marx possui uma obra extensa e significativa, segundo Oliveira (2001) além da extensa produção pictórica, ele tem uma produção paisagística importantíssima (mais de 2.000 projetos), muitos considerados exemplos emblemáticos do paisagismo brasileiro e internacional. A importância da sua obra pode ser percebida na seguinte citação:

Em 1954 havia dois candidatos pela honra de maior arquiteto-paisagista do mundo: Lawrence Halprin e Roberto Burle Marx. [...]. Há muito admiro Roberto Burle Marx porque ele sintetizou sua busca de arte com seu conhecimento de plantas. Ele entendeu a beleza da flora nativa, e elevou o uso das plantas brasileiras para uma forma de arte em seus projetos. (MCHARG, 1996 *apud* DOURADO, 2009, p.10)

Desse modo, tendo em vista que, Burle Marx apresentou um paisagismo novo, tanto no uso de espécies vegetais, como na criação de desenhos inéditos em jardins essa pesquisa justifica-se,

¹Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. . E-mail: ana.belt@hotmail.com

²Economista. Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. . E-mail: si_loeblein@hotmail.com

³Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. . E-mail: barbaracarolinaparis@hotmail.com

⁴Acadêmica do 8º período da Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário FAG. . E-mail: mrropelatto@hotmail.com

⁵Professor orientador da presente pesquisa. E-mail: mf_anjos@hotmail.com

buscando constatar, através da revisão bibliográfica e análise de algumas obras quais influências nortearam o seu rico trabalho.

Surge então um problema: as Vanguardas Europeias influenciaram o paisagismo de Burle Marx? Pode-se considerar a hipótese de que Burle Marx, por ser artista plástico, teria sido influenciado pelas mudanças ocorridas nas artes no início do século XX.

Portanto, este trabalho tem o objetivo de analisar como as Vanguardas Europeias influenciaram o paisagismo de Burle Marx através de fundamentação teórica, busca de correlatos referentes em trabalhos já realizados, elencando, analisando e comparando elementos e, por fim, concluir, validando ou refutando a hipótese inicial.

Conforme Guidin (2008), a arte no Brasil se desenvolveu tendo como influencia as vanguardas europeias, pois os intelectuais brasileiros que possuíam contato com os movimentos devido as viagens à Europa, conheceram o futurismo, expressionismo, cubismo, dadaísmo, etc. Leenhardt (2006) acrescenta que a arte de Burle Marx era nova desde o seu surgimento representando um rompimento com as ações habituais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Roberto Burle Marx nasceu em 4 de agosto de 1909, em São Paulo e ainda criança foi morar no Rio de Janeiro, onde iniciou seus estudos na Escola Nacional de Belas Artes (FLORIANO, 2007). De acordo com Faria (2013), aos 19 anos, sua família e ele se mudaram para a Alemanha e permaneceram lá de 1928 a 1929, que foi onde Marx entrou em contato com as vanguardas artísticas e ficou admirado pela vegetação brasileira que ele viu em uma estufa do Jardim Botânico de Dahlem, em Berlim. Leenhardt (2006) afirma que foi desenhando nesse mesmo jardim – Jardim Botânico de Dahlem, rico em flores raras do Brasil – que Burle Marx descobriu a grande riqueza da flora de seu país.

Em 1932, Lucio Costa o convida para realizar seu primeiro jardim. Em 1934, assume o cargo de diretor do departamento de parques e jardins, em Recife. Em Pernambuco, realiza uma pesquisa botânica intensa em torno da flora do norte do Brasil e começa a utilizar o jardim tropical. Em 1937 retorna para o Rio de Janeiro e em 1940, ganha a medalha de ouro de pintura do Salão da Escola Nacional de Belas Artes, onde consolida sua carreira e passa a trabalhar com arquitetos da Escola Carioca, construindo mais de mil jardins em diferentes partes do mundo. Trabalhou até os últimos dias de vida e aos 85 anos, praticamente cego, veio a falecer no dia 4 de junho de 1994, no Rio de Janeiro (FLORIANO, 2007).

O escritório de paisagismo Burle Marx (2015) foi fundado em 6 de dezembro de 1955, pelo próprio Roberto Burle Marx, com a vontade de dar continuidade ao trabalho que vinha desenvolvendo desde 1932. O escritório fica localizado no Rio de Janeiro e é responsável por diversos projetos famosos, como por exemplo, algumas calçadas de Copacabana.

Segundo Dourado (2009, p. 25), “nenhum outro paisagista do século XX teve seu trabalho tão associado à flora brasileira quanto ele”, Burle Marx é apontado por sua paixão pelo conhecimento, valorização e defesa das plantas autóctones⁶, fazendo com que elas sejam protagonistas no grande conjunto de parques públicos e jardins privados que realizou após a década de 1930, com grande diferença das práticas paisagísticas até então executadas no país.

2.1 PAISAGISMO

Lira Filho (2001, p. 14) afirma que quando o homem deixou de ser nômade e fixou habitação em certo local para explorar o meio que o cerca, “o paisagismo passou a fazer parte da sua vida e desde então, ele passou a utilizar-se do paisagismo para atender suas necessidades estéticas e funcionais”.

No contexto histórico, quando o homem surgiu no mundo, as paisagens já existiam há muito tempo. Entretanto, só a partir do momento em que o homem mudou de hábitos, trocando a vida itinerante para uma habitação fixa, sua relação com a natureza se modifica. Neste momento, o natural e o cultural passam a fazer parte da história do Paisagismo. Sem sombra de dúvida, o ser humano é o componente mais importante da paisagem. Difere dos demais seres vivos de uma paisagem, por ser dotado de racionalidade. Esta propriedade única do ser humano permite-lhe interagir com a paisagem, construindo-a em seu tempo. (LIRA FILHO, 2001, p.27-28)

Abbud (2006, p. 15) por sua vez, conta que a essência do espaço em paisagismo diferencia da arquitetura e urbanismo, porque é resultante de elementos obtidos da natureza. Além de que “o paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano [...] quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre seu papel”. Pois cada espaço paisagístico pode transmitir as mais diversas percepções, dependendo da extensão, altura e luminosidade. Pode demonstrar aconchego, bem-estar, paz, surpresa, beleza, entre outros.

Barra (2006) acrescenta que,

⁶ Segundo dicionário Priberam de Língua Portuguesa (s.d), que ou o que é natural do território onde vive.

Além da crescente consciência ambiental popular e da legislação específica, a cada dia mais rigorosa, a classe empresarial já percebeu que o bom projeto paisagístico valoriza e ajuda a vender seus empreendimentos. (BARRA, 2006, p. 21)

“O paisagismo está em todo e qualquer espaço externo e os paisagistas estão mudando a configuração das cidades. A arquitetura paisagística consiste em configurar e gerir o mundo físico e os sistemas naturais onde vivemos”. Os paisagistas de fato projetam jardins, eles combinam arte e ciência para criar lugares. Eles vêm desempenhando um papel cada vez mais significativo quanto à solução de grandes problemas atuais como mudanças climáticas e geração de comunidades sustentáveis (WATERMAN 2010, p. 8). Leenhardt (2006, p.77) por fim, afirma que “o que Burle Marx nos trouxe, é o conceito total de um jardim modernista”.

2.3 VANGUARDAS EUROPEIAS

As vanguardas europeias⁷ são um conjunto de tendências artísticas que vieram de diversos países europeus e tem como objetivo principal levar para a arte o sentimento de liberdade criadora, de subjetividade e até de irracionalismo. Elas surgiram nas duas primeiras décadas do século XX, provocando grande ruptura com a tradição cultural do século XIX, influenciando não só as artes plásticas como também a arquitetura, literatura e o paisagismo. As principais correntes foram: cubismo, futurismo, dadaísmo, expressionismo e surrealismo (PEREZ, s.d).

Calixto (2012) lembra que o advento da fotografia é um marco importante tecnológico. Esse fato causou grandes preocupações uma vez que sua forma de representar era muito mais real do que as pinturas – único meio conhecido até então. Os pintores então, se sentindo ameaçados, passaram a não retratar mais cenas realistas:

A forma de entender o mundo de cada artista se traduzia em cores, formas, traços e temas que não precisavam ter nenhum compromisso com o real. A arte assumiu uma nova condição, onde o artista ganha o papel central. E com este papel, diante de todas as circunstâncias e acontecimentos da Europa, ele começa a desenvolver um novo olhar sobre sociedade como um todo, os modos e as condições de vida. (CALIXTO, 2012)

De acordo com Guidin (2008) as vanguardas europeias foram de grande importância para que a arte moderna no Brasil se desenvolvesse. Os movimentos – futurismo, expressionismo, cubismo, dadaísmo, etc – influenciaram muito os intelectuais brasileiros, de modo especial, aqueles que possuíam contato direto com as vanguardas por viajarem para a Europa.

⁷ O termo Vanguarda vem do francês *avant-garde* e significa um movimento artístico de marcha para frente, ou seja, o próprio nome representa o que significaram as vanguardas, uma luta voltada ao futuro, com o objetivo de traçar caminhos inéditos no tocante da arte. (SANTOS E SOUZA, 2009)

Silva (2009/2010, p. 1) afirma que as vanguardas mudaram os rumos das artes “com o Futurismo de Marinetti em 1909, o Expressionismo alemão no ano seguinte, o Cubismo, em 1913, o Dadaísmo, em 1916 e, oito anos mais tarde, o Surrealismo”. Esses movimentos tinham como objetivo um maior questionamento dos valores da época e uma revolução com a herança cultural.

Leenhardt (2006) por sua vez, mostra que no que diz respeito aos jardins e a sua história, pode-se dizer que Burle Marx inventou algo único e inovador para o Brasil, mas a partir das influências plásticas europeias.

[Após a semana de arte moderna] É então que Burle Marx se afasta de sua maneira de celebrar o objeto ou a personagem, como fazia nos anos vinte, para seguir a lógica da composição que experimentara em suas numerosas naturezas mortas. O ensinamento que recebe a tradição pós-cubista, e da preocupação desta com a organização do espaço, alimentará diretamente seu trabalho que se desenvolve então a serviço dos esboços de jardins. (LEENHARDT, 2006, p. 10)

Por fim, o próprio Burle Marx⁸ diz que assim como qualquer outro artista foi influenciado pelo impacto do cubismo e do impressionismo para fazer a composição de suas telas com tintas e pincéis, ele também foi influenciado. (BURLE MARX, 1987 *apud* DOURADO, 2009). Leenhardt (2006) complementa que o que Burle Marx trouxe era algo realmente diferente, novo e desde o princípio deu a impressão de uma arte em ruptura com as ações cotidianas.

3. METODOLOGIA

A estratégia de pesquisa utilizada foi a pesquisa bibliográfica, realizada através buscas na produção científica publicada correlacionadas com o assunto e tema, sendo esses livros, artigos científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado e demais produções acadêmicas.

A Pesquisa Científica visa conhecer cientificamente um ou mais aspectos de determinado assunto. Para tanto, deve ser sistemática, metódica e crítica. O produto da pesquisa científica deve contribuir para o avanço do conhecimento humano. Na vida acadêmica, a pesquisa é um exercício que permite despertar o espírito de investigação diante dos trabalhos e problemas sugeridos ou propostos pelos professores e orientadores. (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 49)

⁸ “Em grande parte, posso explicar através do que houve em relação a minha geração, quando os pintores recebiam o impacto do cubismo e do abstracionismo. A justaposição dos atributos plásticos desses movimentos estéticos aos elementos naturais constituiu a atração para uma nova experiência. Decidi-me a usar a topografia natural como uma superfície para a composição dos elementos da natureza – minerais e vegetais – como materiais de organização plástica, tanto e quanto qualquer outro artista procura fazer sua composição com a tela, tintas e pincéis”. (BURLE MARX, 1987 *apud* DOURADO, 2009, pg. 108)

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

4.1 OS JARDINS DE BURLE MARX E A ARTE ABSTRATA

Roberto Burle Marx ao retornar da Alemanha, para onde partiu em 1928 e permaneceu por um ano e meio, inscreve-se na Escola de Belas-Artes, então dirigida por Lúcio Costa, e inicia a carreira de pintor, que influencia suas criações paisagísticas. Mais tarde, os ensinamentos que recebe da tradição pós-cubista, aliados com sua preocupação com a organização do espaço ajudarão em seu trabalho nos esboços de jardins (LEENHARDT, 2006, p. 9 e 10). Aqui percebe-se a importância que a pintura teve na carreira do paisagista.

Como afirma Siqueira (2001, p. 11) os jardins de formas ondulantes de Burle Marx, ora se aproximam das curvas da paisagem local, ora se integram ao pensamento abstrato moderno, porém diferindo dos paisagistas modernos franceses que usam regras compositivas derivadas da geometria pós-cubista, com canteiros retilíneos e planos angulosos de cor. Assim nota-se que Burle Marx, já adota um estilo próprio em seu trabalho de paisagista, como afirma Leenhardt (2006, p. 10,) “a complexidade das influências que Burle Marx deixa trabalhar em si faz com que permaneça relativamente à parte no que concerne aos excessos de formalismo engendrados pela onda modernista que rebenta sobre São Paulo graças à Semana de Arte Moderna, em 1922”.

Quanto ao uso da cor, percebe-se que conforme Burle Marx aprimorava sua sensibilidade em várias modalidades artísticas, sobretudo a pintura, ele despertava para a potencialidade colorística que a vegetação nativa brasileira oferecia e imaginava como aproveitá-la no planejamento de jardins (DOURADO, 2009, p. 109).

Segundo Oliveira (2001) o primeiro jardim de Burle Marx que se tem notícia é o da casa Alfredo Schwartz (1932) no Rio de Janeiro; arquitetura de Lúcio Costa e Gregori Warchavchik. (Figura 1). De acordo com Siqueira (2001, p.12) já neste primeiro trabalho percebe-se que ele se diferencia dos jardins geométricos modernos, pois os canteiros redondos contrapõem-se ao ritmo do piso em placas quadradas. Consta-se que Burle Marx desenvolve, desde o início da carreira, diferenças com relação aos outros paisagistas modernos.

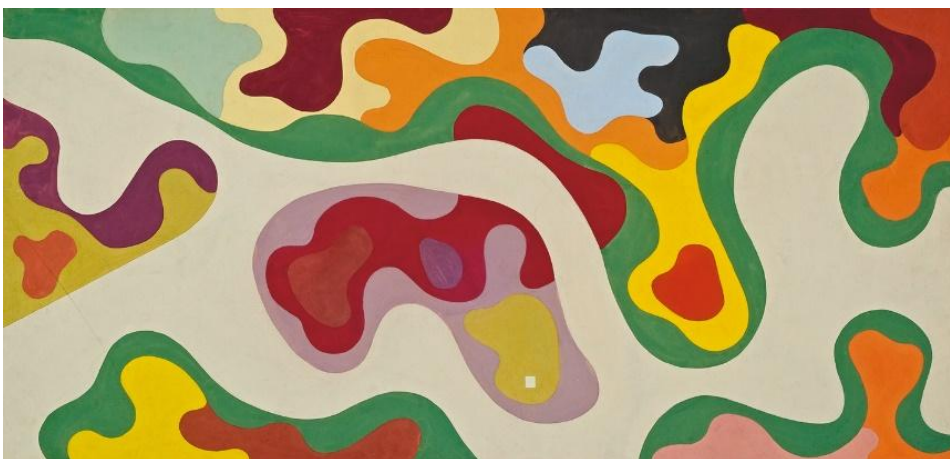
Figura 1 - Jardim-terraço da residência Alfredo Schwartz



Fonte: Siqueira (p.11, 2001)

É também Lúcio Costa quem convida Burle Marx, em 1936, para integrar a equipe de projeto do novo Ministério da Educação e Saúde, onde ele desenha pela primeira vez uma composição de formas arredondadas que se encaixam umas nas outras, obtidos pelo próprio jogo das espécies plantadas. O guache sobre cartolina (figura 2) é um estudo do paisagista para o edifício e parece oferecer aos usuários uma pintura abstrata na qual se poderia passear (LEENHARDT, 2006, p. 16 e 18). Aqui nota-se a importância do trabalho do artista plástico na composição do terraço- jardim que completa de maneira harmoniosa o projeto modernista do edifício.

Figura 2 - Estudo para o Ministério da Educação e Saúde, guache sobre cartolina.



Fonte: Art Unlimeted. **Autor:** Burle Marx, 1938.

Sobre esses estudos que Burle Marx fazia, Siqueira (2001, p. 15,) afirma: “as pinturas em guache que nos anos de 1930 a 1950, costumava fazer como ponto de partida de seus projetos paisagísticos, dispondo as áreas que deveriam conter essa ou aquela espécie vegetal, mostram a fonte dessa concepção original: a experiência da arte abstrata”. Também encontramos essa afirmação em Farah *et al* (2010, p.58,) onde a autora afirma que “as formas livres e irregulares são demonstrações da mudança de expressão em que a composição abstrata fica diluída, num jogo de massas vegetais em cores e formas”. Consta-se novamente a importância da arte na realização de suas criações paisagísticas.

Percebe-se que não só as curvas eram importantes no trabalho do paisagista, ele também apontava para uma ideia amplamente difundida entre a arquitetura e as artes plásticas modernas, a assimetria. Conforme aponta Dourado (2009, p.173) entre as décadas de 1940 e 1950, Burle Marx demonstrou a preferência por formas livres e curvas, organizando a vegetação de acordo com o crescimento de cada espécie, sem o uso de podas, numa nítida inspiração dos jardins ingleses setecentistas.

Nota-se a influência dos movimentos de vanguarda no trabalho do paisagista, como afirma Leenhardt (2006, p. 25) os jardins de Burle Marx aproximam-se da obra de arte pelo emprego de formas geométricas, Pietro Maria Bardi (apud SIQUEIRA, 2001, p.38,) afirma o quão complexo é definir um estilo para a diversificada obra de Burle Marx, citando a sua aproximação com diferentes movimentos artísticos de vanguarda, do cubismo ao concretismo, não pela adoção do ecletismo, mas na semelhança pela busca de algo novo.

Os autores costumam observar uma segunda fase na carreira do paisagista, os jardins da residência projetada por Oscar Niemeyer para Edmundo Cavanellas (figuras 3 e 4), planejados entre 1954 e 1955, demonstram significativas transformações na composição de Burle Marx, através da incorporação de elementos ortogonais. Característica que marcou o último período da obra do paisagista (DOURADO, 2009, p.188-197).

Figura 3 - Jardim posterior da residência Edmundo Cavanellas.



Fonte: Hess (2012) Fotografia: Alan Weintraub

Figura 4 - Jardim frontal da residência Edmundo Cavanellas



Fonte: Hess (2012) Fotografia: Alan Weintraub.

Conforme afirma Dourado (2009, p.176), muitos estudiosos confundem o trabalho de Burle Marx, acreditando que ele fazia jardins como pintava ou pintava como fazia jardins. Na verdade, nas telas e desenhos o artista foi mais experimental, recebendo influências tão diversas quanto as de um Paul Cezanne, um Pablo Pablo Picasso, um Joan Miró, um Fernand Léger, um Cândido Portinari, um Le Corbusier. Enquanto no paisagismo ele havia atingido uma originalidade própria muito antes das experimentações na pintura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Burle Marx deve-se a valorização e conservação de muitas espécies vegetais nativas, além da descoberta e catalogação de várias delas. Um apaixonado pela flora brasileira fez uso de plantas nativas em uma época que o modernismo brasileiro despontava junto com o nacionalismo.

A hipótese desta pesquisa fica comprovada, as vanguardas europeias influenciaram o artista plástico Burle Marx, cujas pinturas transitaram pela figuração e abstração, experimentando de tudo um pouco. Não se pode negar que ele tenha feito dos jardins suas telas, como se observa claramente no estudo para o Ministério da Educação e Saúde, onde o paisagista e o artista se fundem em perfeita harmonia com o despontar da arquitetura moderna brasileira.

Pode-se considerar, contudo, que não apenas o desejo por uma nova forma de fazer paisagismo, aplicando as figuras geométricas e abstrações, tenha movido o trabalho original de Burle Marx, mas também sua paixão e curiosidade pelas plantas nativas, aproveitando todas as fases de crescimento das mesmas em seus jardins.

REFERÊNCIAS

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. São Paulo: ed. Senac, 2006.

ART UNLIMITED. **Galeria de Arte**. Rio de Janeiro, RJ. Disponível em: <http://artunlimited.com.br/index.php/portfolio/roberto-burle-marx-kunst-und-lan>. Acesso em: 11 set. 2016.

AUTÓCTONES. *In*: Dicionário Priberam de Língua Portuguesa. S.d.

BARRA, Eduardo. **Paisagens úteis: escritos de paisagismo**. São Paulo: ed. Senac, 2006.

BURLE MARX- **Escritório de Paisagismo**. A empresa. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://burlemarx.com.br/perfil/a-empresa/>. Acesso em: 16 de ago. 2016 às 15h.

CALIXTO, Roberta. As Vanguardas Europeias do século 20 a as influências da Semana de Arte Moderna na ilustração de livros de literatura infantil brasileiros. **Pibic – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica**. Rio de Janeiro: PUC, 2012.

DOURADO, Guilherme Mazza. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. São Paulo: Senac São Paulo, 2009.



FAG, Faculdade Assis Gurgacz. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Cascavel, FAG: 2006.

FARAH, Ivete; SCHLEE Mônica Bahia; TARDIN, Raquel (organizadoras) **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

FARIA, Marcelo. **A vida de Roberto Burle Marx**. Parque Burle Marx: São Paulo, 2013. Disponível em: <http://parqueburlemarx.com.br/noticias/2013/9/20/um-pouco-de-roberto-burle-marx#commentsWrapper=>. Acesso em: 16 de ago. 2016 às 15h.

FLORIANO, César. Roberto Burle Marx: Jardins do Brasil, a sua mais pura tradução. **Revista Esboços**, p. 11-24, nº 15, UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

GUIDIN, Márcia Lígia. **Modernismo no Brasil - o início: Das vanguardas europeias à Semana de Arte Moderna**. UOL Educação: Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação, 2008. Disponível em: <http://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/modernismo-no-brasil---o-inicio-das-vanguardas-europeias-a-semana-de-arte-moderna.htm>. Acesso em: 18 jul. 2016.

HESS, Alan. **Oscar Niemeyer Casas**. São Paulo: Gustavo Gili S.A, 2012.

LEENHARDT, Jacques. **Nos jardins de Burle Marx**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LIRA FILHO, José Augusto de. **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: ed. Aprenda Fácil, 2001.

OLIVEIRA, Ana Rosa de. **Bourlemarx ou Burle Marx?**. 2001. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitexto>. Acesso em: 11 set. 2016.

PEREZ, Luana Castro Alves. **Vanguardas Europeias**. Mundo educação. Disponível em: http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/vanguardas-europeias.htm#disqus_thread. Acesso em: 14 set. 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Universidade Feevale, Rio Grade do Sul, 2013.

SANTOS, Paula Cristina Guidelli do; SOUZA, Adalberto de Oliveira. **As vanguardas europeias e o modernismo brasileiro e as correspondências entre Mário de Andrade e Manuel Bandeira**. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 789-798.

SILVA, Silvana Vieira da. **O papel de Guillaume Apollinaire nas vanguardas europeias**. VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada / X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas – Universidade do Minho 2009/2010.

SIQUEIRA, Vera Beatriz. **Burle Marx**. São Paulo, Cosac & Naify, 2001.

WATERMAN, Tim. **Fundamentos de Paisagismo**. Porto Alegre: Bookman, 2010.